

Da esperança à plenitude da alegria (1961)¹

Luigi Giussani

É do fato das coisas, é do dado da sua existência que o homem extrai o conhecimento de si e do seu destino.

A primeira característica do fato humano é esta: que ele nasce como ímpeto incoercível para realizar-se a si mesmo. Desde as mais inflamadas instintividades e desde a banalidade das expansões confortáveis, até às mais nobres urgências da consciência e às mais altas aventuras do pensamento, uma “força atuante nos fatiga de movimento em movimento” (Foscolo), um “agulhão quase nos punge” (Leopardi) em direção a uma realização da própria semente original, numa explicitação intensa de significado e eficácia. “Realizar a si mesmo”: O programa é claro para todos, mesmo que sujeito a diversas interpretações teóricas e práticas.

Há um fenômeno fundamental que expressa esse ímpeto original: o *anseio*, o *desejo*. Fenômeno fundamental para qualquer gesto nosso, que é inflamado por ele e lançado na trama da realidade. Tão gratuito e inevitável, o fenômeno do desejo é, assim que nos afastamos da simpatia original com que a natureza nos vincula a si, uma *promessa de realização*.

A promessa também é um fato, e o desejo atesta que a promessa é o fato que está na origem de todo o acontecimento humano. A confiança nessa promessa, em que se expressa nossa natureza, fundamenta a simpatia inexorável com o próprio ser e a vida – torna possível, portanto, a atenção a si mesmo –, gera aquele “senso de si” que não é apenas mera consciência, mas algo mais intenso, um reconhecimento amoroso de um destino carregado de valor.

As estranhas e tremendas contradições da vida

Mas se a vida começa continuamente com a promessa do desejo, seu desenrolar é estranhamente cheio de objeções a essa promessa. A dor e a morte resumem essas contradições estranhas e tremendas da vida. “Dura coisa é sofrer e não saber o porquê”, diz Claudel em *O anúncio a Maria*. Diante do transcorrer da vida, o cumprimento da promessa fundamental contida no fenômeno do desejo parece *árduo, trabalhoso, difícil*.

Se o homem, apesar disso, permanece coerente à insinuação da promessa original, ou seja, coerente com sua natureza original de ser desejante, então ele resiste e espera por esse cumprimento que há de vir, por essa satisfação que há de ocorrer no futuro, seja este enigmático ou duro. E tal espera exigirá uma atitude de coragem, uma *virtus*: é a atitude da esperança.

Ela, portanto, surge na alma humana como situação corajosa de espera por um bem futuro, árduo e difícil aos olhos do presente.

Os pecados contra a esperança

Mas a genialidade do humano parece consistir justamente em perceber a impotência como o último conselho da experiência. Por isso, essa virtude da esperança é obstinadamente combatida por uma *tristeza* (a *tristitia sæculi* de São Paulo) ou por uma

¹ “Dalla speranza alla pienezza della gioia (1961)”, in L. Giussani, *Porta la speranza. Primi scritti*, Marietti 1997, pp. 155-162. Também fora publicado dois anos antes em L. Giussani, *Realtà e giovinezza. La sfida*, Sei, 1995. Edição em língua portuguesa (não correspondente a esta tradução): *Realidade e juventude: O desafio*, Lisboa: DIEL, 2003, pp. 139-144.

acídia (a *acœdia* de que Santo Tomás fala), cujo resultado é uma *falta de disponibilidade* para o sentido positivo a que a natureza nos introduz desde a origem.

Dessa falta mesma de disponibilidade surgem as atitudes contraditórias à esperança, os pecados contra a esperança.

O primeiro e mais fácil é dado pela *evagatio mentis*. É a distração em seu sentido mais comum, que coincide com aquele evadir na mediocridade melancólica da maioria – deixando-se enredar pelo bom e velho sentimentalismo, ou deixando-se reabsorver o tempo todo pelas vozes banais do ambiente; ou que coincide com a inquietação que caracteriza boa parte da juventude de hoje: instavelmente frágil e perdida entre o emaranhado das atrações sutis ou das insinuações confortáveis. Gera-se essa obtusidade de vida tão profundamente enraizada na mentalidade comum que, onde um mestre ou um educador tente sacudir e relembrar a voz original da natureza, se muda tão facilmente em irritação, em rancor para com a voz que chama.

Mas essa forma banal mais comum, evidentemente, não pode paralisar as pessoas evoluídas, cultas, as que estabelecem relações entre os acontecimentos, as que usam a razão, os mestres da nossa civilização. Estes costumam ecoar a antiga posição estoica, trazem de volta a antiga palavra *ἡ ἀνάγκη*, a necessidade, como sentido supremo e último das ações. O ideal ético supremo não é tanto a satisfação do desejo de esperança comovido, mas sim a imperturbabilidade diante da coisa, do acontecimento. “O sábio não chora e não ri”, sentenciava Spinoza, exatamente o contrário do que afirmava Santo Agostinho: “Quem crê em Deus, chora e ri”.

Como é difundida entre os jovens mais sérios a tentação desse ideal de comportamento tão contrário ao ser, dessa orgulhosa desesperação da fraqueza! Porque tal posição estoica, no fundo, é a pretensão de medir tudo com a própria energia, de saber medir e enfrentar o peso de tudo com a própria vontade. Mas a certa altura desse esforço – tão contrário à intensidade de Desejo com que a natureza nos cria – o homem cede e o indivíduo sucumbe ao grande fato da realidade que não pode suportar: os grandes estoicos antigos se suicidaram.

Esta posição é mais dos jovens que dos adultos, na nossa cultura. Quando viram adultos, mudam os termos e ficam seguros em outras posições. O ideal a que o homem é chamado – dizem – é a manipulação precisa e concreta das coisas que o cercam. Isso esgota o sentido da vida humana, e a isso deve reduzir-se o homem verdadeiramente racional. Outras aspirações seriam devaneios para remover com uma boa educação – “sem voos para impossíveis hiperurânio. [...] Porque é certo que o homem seja o centro e o senhor do mundo, mas com a condição [...] de dar corpo e consistência a esse seu livre domínio”.²

É a perda do sentido da impotência, é a presunção que limita as dimensões do homem na tentativa de afirmar-se obstinadamente. Dá vontade de citar Shakespeare: “Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha tua vã filosofia”.³

Essa posição, própria de boa parte da mentalidade positivista moderna, no fundo nega o anseio original, a aspiração indestrutível à felicidade pessoal, e a substitui pelo ideal do progresso coletivo, ao qual cada um colaboraria esgotando aí totalmente sua existência e seu significado.

Nada há de mais contraditório com a realidade humana: porque a questão do sentido da vida é problema do indivíduo, e ao homem individualmente deve dar uma resposta adequada. São Tomás, no *De potentia Dei*, trazia a objeção de que “o movimento próprio de uma natureza que vem do nada é tender ainda ao nada”. Mas respondia: “A tendência

² E. Garin, *Cronache di filosofia italiana (1900-1943)*. Bari: Laterza, 1955, p. 529.

³ Cf. W. Shakespeare, *A tragédia de Hamlet: príncipe da Dinamarca*. 3. ed. rev. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1976, p. 58 (ato I, cena V, linhas 166-167).

ao nada não é o movimento próprio do ser natural, que sempre se dirige a algo de bom, mas a tendência ao nada se efetiva precisamente com a recusa desse movimento próprio”.⁴

Com esta árida forma de renegação, o homem chega ao fundo da contradição de si mesmo, do “pecado”. E todas as épocas encontraram mestres que favoreceram isso. Mas o nosso tempo parece não conhecer outros mestres senão estes.

A amplitude do destino humano

Um acontecimento, um fato novo muda profundamente os termos do problema. Deus se inseriu pessoalmente nesta situação dramática do homem: inseriu-se através de Cristo.

Primeiramente, Cristo revela a amplitude insuspeita do destino humano. Há uma medida da nossa impotência, há uma insatisfação do nosso mal, que não são naturais. O significado da existência, revela Cristo, está no destino de um relacionamento pessoal e sobrenatural com Deus: “A vida eterna é esta: que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e àquele que tu enviaste, Jesus Cristo”.⁵ Cristo, então, é o encontro exaltante em que o homem se descobre de repente em toda a dimensão de sua possibilidade; Cristo é o verdadeiro e único Mestre (“*Unus enim est Magister vester, omnes autem vos fratres estis*”⁶).

Em segundo lugar, Cristo nos oferece em si mesmo a possibilidade concreta de alcançar esse destino imprevisível e misterioso. Este é de fato o Seu anúncio: essa impotência na sua experiência, essa contradição da sua existência não devem levar você a buscar ajuda em outro lugar ou a renegar o desejo profundo que constitui a vida da sua consciência; essa impotência e essa contradição serão resolvidas, elas já estão resolvidas em Mim. E Eu me torno o seu caminho, Eu sou a garantia da solução, bem como o caminho para ela.

Gratia Dei: a realização do homem é um dom, muito mais dom ainda do que a origem imprevista e imprevisível do próprio homem.

Nossa resposta à promessa de Deus

A esperança cristã é a resposta da nossa alma à nova promessa de Deus, que é Cristo. Ela tem um objeto preciso: Deus mesmo, como historicamente se faz desejar pelo homem como seu fim sobre-humano. Ela tem seu motivo específico: porque para Deus tudo é possível, “*quia non erit impossibile apud Deum omne verbum*”.⁷ A esperança cristã confia em sua palavra: “*Scio enim cui credidi*”.⁸

Essa esperança penetra em nossa alma com a mesma profundidade, com a mesma inabalabilidade com que penetra em minha vida o dom daquela proposta. A esperança cristã assume e supera globalmente a esperança natural. Ela já não é uma atividade que emana de mim, uma simplicidade de adesão à minha origem, obtida por mim mesmo; já não é uma iniciativa minha de caminho em direção ao infinito, já não um ímpeto orgulhoso e forte de mim mesmo, para escapar do meu limite presente. Esta esperança vem ao meu encontro de fora de mim, encontro-a no exterior e ela penetra dentro de mim, ressoa ao meu ouvido, mesmo que me atinja o coração, condiciona-me de fora e liberta-me por dentro.

⁴ Santo Tomás de Aquino, *Quaestiones disputate de potentia Dei*, q. 5, a. 1, 16.

⁵ Jo 17,3.

⁶ Mt 23,8.

⁷ Lc 1,37.

⁸ 2Tm 1,12.

A realidade presente de Cristo

Mas então como nos chegou e chega pessoalmente esta promessa sobrenatural que está em Cristo?

Para cada um de nós, a proposta de Cristo ocorre no âmbito, no espaço e no tempo, na comunidade de homens chamada Igreja.

O homem espera na medida em que participa do mistério deste Corpo Místico de Cristo; na medida em que adere a ele, experimenta uma nova atração de esperança, uma aspiração profunda que sabe traduzir-se em palavras precisas, em diálogo preciso. “O próprio Espírito clama dentro de nós com gemidos inexprimíveis”:⁹ participando da Igreja, o homem participa do próprio Espírito de Cristo e nisso fundamenta a certeza de sua esperança.

E justamente porque se baseia no único Espírito de Cristo, tal esperança, pessoal e profunda, coincide com a própria esperança que anima o Corpo Místico de Cristo em direção à sua plenitude comunitária, da qual todo o universo participará, “*ut sit Deus omnia in omnibus*”.¹⁰ A esperança da minha realização coincide com a esperança da felicidade universal, com a esperança da vitória de Cristo. É esperança minha e nossa ao mesmo tempo; não seria minha se não fosse nossa. Se por um aspecto não coincidissem, não seria esperança cristã, porque o motivo desta esperança é Cristo como ator do grande desígnio do Pai.

É na liturgia que o fato de Cristo, que a Sua realidade presente – ou seja, a comunidade da Igreja – repete para nós o anúncio da esperança, faz com que ela renasça dentro de nós, alimenta-nos com ela, converte-a numa experiência fundamental para a nossa vida: “*Da vigorem cordibus nostris*”.

O sublime no dia a dia

Há dois fatores precisos de experiência que qualquer um que participe da comunidade da Igreja experimenta ao vivenciar sua liturgia: a *segurança* e a *operatividade*.

Uma segurança profundamente humilde, porque seu fundamento não está em mim, mas em Alguém para quem tudo é possível. “*In spem contra spem. Spes autem non confundit*”.¹¹

Uma operatividade que não se reduz a tempos determinados e não se identifica apenas com empreendimentos específicos, mas que abrange cada momento e redime na utilidade de uma nobre tarefa todo e qualquer gesto, por menor que seja. Uma operatividade que realiza o sublime na aparente banalidade da vida mais mesquinha. Será que o sublime não pode ser cotidiano, tal como o vinho e a água?

Nesta terra não se pertence a Cristo senão na esperança. Por isso é na educação para a esperança que se penetra na experiência da redenção.

⁹ Cf. Rm 8,26.

¹⁰ 1Cor 15,28.

¹¹ Cf. Rm 5,5.